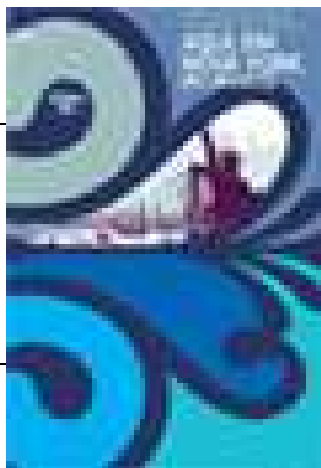


AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

SINOPSE

Um garoto brasileiro viaja com sua mãe para Nova York. Depois de perambular por vários pontos turísticos da cidade, os dois vão ao lugar onde antes existiam as torres gêmeas do World Trade Center, reduzidas a escombros no atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Impressionados com as dimensões do desastre, eles voltam ao local vários dias seguidos, travando um diálogo afetivo e cheio de perplexidade em torno desse acontecimento que mudou a face de Nova York e os rumos da História.

PALAVRAS DO AUTOR

Em 2007, pouco antes do Natal, uma viagem inesperada me levou a Nova York. Ao lado de dois de meus três filhos, que já haviam estado lá outras vezes, descobri, entre arranha-céus, praças, avenidas e luzes, uma cidade surpreendente. Em 2008, pouco depois do Ano Novo, senti que seria a partir de algumas lembranças dessa cidade que haveria de escrever o livro programado há algum tempo. Não foi fácil. Escrever nunca é. Tive tanto trabalho quanto em 1977, com o primeiro livro, história de um menino, filho de pais separados, que convivia com inúmeras indagações que ninguém respondia. Devo ter progredido. Agora, um menino – quem sabe, o mesmo? – convive com a mãe, mais indagadora que ele. Talvez os encontros se deem assim, sem muitas respostas. Inesperados como viagens.

FICHA TÉCNICA

Ilustradora: Marlette Menezes

Formato: 18 x 26 cm

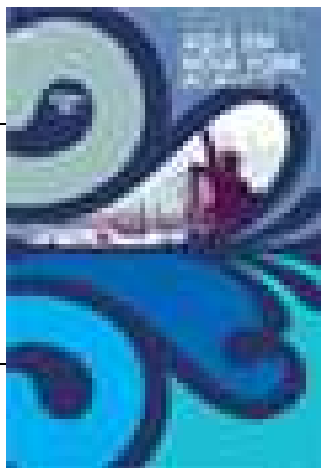
Número de páginas: 48

Coleção: *Tempo-Rei*

ISBN: 978-85-7472-909-1

Indicação: A partir de 9 anos

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



**Vivina de Assis
Viana**

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

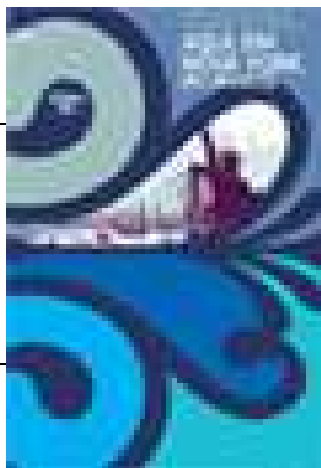
A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

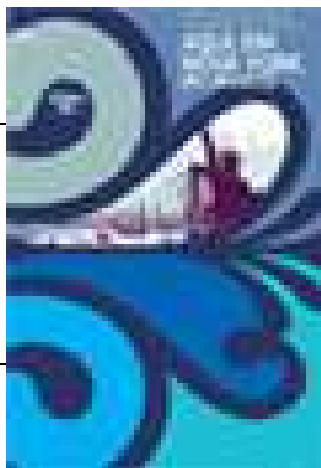
As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

**AQUI,
EM NOVA YORK...
(NY, IN LOCO)**



**Vivina de Assis
Viana**

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

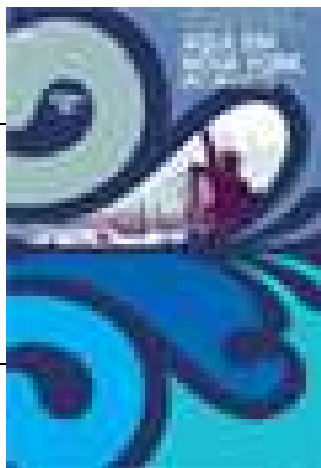
◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o livro aos alunos e faça uma discussão inicial sobre o título, para que lancem hipóteses sobre o conteúdo da história. Quem já ouviu falar na cidade de Nova York? O professor poderá mostrar a sua localização no mapa-múndi, destacando o continente e o país em que está situada. A imagem da capa remete a algo conhecido? O que significa “NY, *in loco*”?

Incentive os alunos a pesquisarem músicas, filmes, propagandas de viagens, notícias em jornais, etc., que mencionem o local. Proponha a montagem de um painel com imagens e informações sobre Nova York. Quais são os principais pontos turísticos? É importante situá-los em relação à cidade, que pode não ser conhecida pelas crianças. Isso pode auxiliá-las, depois, a reconhecer alguns lugares nas ilustrações e também nas descrições e/ou citações do texto.

2. Mencione o nome da coleção, *Tempo-Rei*, e explique que se trata de narrativas que têm como pano de fundo outras épocas ou que explorem a história das coisas, dos lugares e das pessoas. Sabendo disso, pergunte aos alunos se eles imaginam de que trata o enredo, encaminhando a discussão para o que pode ter acontecido na cidade de Nova York.

DURANTE A LEITURA

1. Como o livro se refere a lugares distantes e/ou desconhecidos, bem como um evento que pode não ser do conhecimento das crianças da faixa etária em questão, solicite uma leitura programada, segmentando a obra em partes em função de algum critério e propondo a leitura sequenciada de cada uma delas, esclarecendo dúvidas e oferecendo dados que julgar relevantes. Ao realizarem a leitura em partes, os alunos podem ser motivados a fazer antecipações sobre os possíveis desenvolvimentos da narrativa, criando expectativas para a leitura dos segmentos seguintes. Também é possível mencionar informações a respeito da obra, do contexto em que foi produzida, da articulação que estabelece com outras, etc., situando-a, assim, em um contexto mais amplo de compreensão e interpretação.

2. Quais são os principais personagens? Quem está contando a história? O narrador faz parte da história? O que o menino está fazendo com sua mãe em Nova York? Ele inicia a história dizendo que não consegue dormir. Por quê? O que o incomoda?

3. Quais são os pontos turísticos visitados pelos personagens? Sugira aos alunos que relacionem os lugares descritos e/ou citados no texto com as ilustrações e com as imagens que constam do painel montado na etapa de preparação para a leitura. Se não montaram nenhum painel, podem agora, a partir do texto, colher imagens na internet e em revistas. Assim, conseguirão visualizar melhor o cenário apresentado no texto e identificar os locais retratados nas ilustrações.

4. Oriente os alunos na percepção do tempo da narrativa. Peça que encontrem, no texto, trechos relativos a fatos e/ou lugares que se destacaram no passado remoto (a Guerra do Vietnã, o assassinato de John Lennon, a queda das Torres Gêmeas). Explore a passagem em

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

que o narrador-personagem menciona a data de seu nascimento e a data do atentado terrorista (p. 15). Leve os alunos a perceberem quais são os acontecimentos situados no presente ou em um passado recente da narrativa (mãe e filho passeando por Nova York) e fatos que aconteceram no passado e que são lembrados à medida que alguns lugares são visitados.

5. É importante também comentar que a história é fictícia, porém trata de fatos reais. Qual foi a reação dos moradores da cidade quando o atentado ocorreu? Qual é a reação, o sentimento da mãe e do filho que visitam o local do atentado 4 anos depois? Releia as páginas 22-23, para resgatar a percepção do local tal como é hoje.

6. Os diálogos entre mãe e filho sugerem uma relação de amizade e de cumplicidade. Retorne ao texto e peça aos alunos para selecionarem trechos da história que demonstrem como é essa relação. Explore o fato de que, à medida que os dois passeiam pela cidade, batem papo e veem pontos turísticos, eles também reconstroem e entram em contato com a tragédia. O passeio e as conversas trazem à tona lembranças, sentimentos, conhecimento, compaixão, etc. É uma viagem de turismo e de experiência de vida.

DEPOIS DA LEITURA

1. Pergunte aos alunos se conhecem alguém que, daqui do Brasil, acompanhou as notícias do atentado (pai, mãe, avó, etc.). O aluno poderá conversar com esta pessoa pedindo que conte a sua experiência, quais as informações a que teve acesso, por qual(ais) meio(s), quais foram os sentimentos e as impressões sobre o que estava ocorrendo, enfim, fazer uma pequena entrevista. Depois os alunos deverão registrar os dados obtidos e trazê-los para compartilhar com a turma.

Ao trocarem suas informações, proporcione um espaço de discussão, comentando que a literatura é um dos caminhos que muitas pessoas encontram para se expressar em relação a questões complexas, dramáticas, sensíveis, entre outras. Leve os leitores a perceber que o texto literário não tem o objetivo de narrar fatos na perspectiva tradicional da história, mas sim, recontá-los a partir de um ponto de vista subjetivo, explorando literária e criativamente elementos históricos.

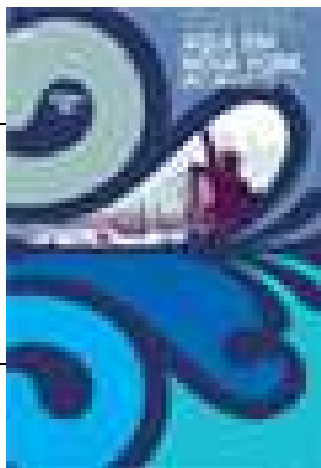
2. Retome o capítulo “Nova York ou Minas?”, em que o menino vê vários desenhos, feitos por crianças, sobre o ataque terrorista de 11 de setembro, e resolve também fazer um para deixar nos painéis da igreja.

Para estabelecer um diálogo com essa passagem da obra, sugere-se apresentar aos alunos desenhos de crianças japonesas que sobreviveram à catástrofe de Hiroshima, cidade arrasada pela bomba atômica em 1945.

Os desenhos podem ser observados no livro *6 de agosto de 1945: um clarão no céu de Hiroshima*, de Fernanda Torres Magalhães, ou no site do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, que organizou a exposição “Hiroshima: testemunhos e diálogos”, em 2005: <www.macvirtual.usp.br/MAC/templates/exposicoes/hiroshima/hiroshima.asp>.

Pergunte às crianças qual é a opinião delas sobre esses desenhos: eles têm qual objetivo? Eles retratam o quê? Por que as crianças mencionadas neste livro fazem isso?

AQUI, EM NOVA YORK... (NY, IN LOCO)



Vivina de Assis
Viana

Abra um espaço de discussão, para que os leitores se manifestem em relação aos desenhos produzidos pelas crianças de Nova York. Com base na leitura que fizeram, é possível estabelecer uma ligação entre o ato de desenhar e a tentativa de entender, aceitar, “digerir” uma situação difícil? Se eles passassem por uma situação de conflito, de tragédia ou de guerra, também pensariam em desenhar?

3. Na obra de Vivina de Assis Viana, é citado o título de uma das mais famosas composições do célebre cantor John Lennon, “Imagine”, a qual é interpretada por vários artistas brasileiros (no disco *Estrela Guia*, de 2001, gravado pela Som Livre, há uma faixa com essa música, cantada por Paulo Ricardo). Sugere-se ouvir a canção com os alunos, entregando-lhes, se possível, uma cópia da letra da música traduzida.

Depois de ouvirem a música e de lerem atentamente a letra da canção, procure explorar as relações com o livro. Conversem sobre a gravidade do ataque terrorista às Torres Gêmeas, em Nova York, sobre como ele afetou a cidade e a paz mundial e sobre o convite que é feito logo no início da canção: imaginar um mundo novo.

A partir da história lida, quais seriam características importantes desse mundo novo: paz, respeito às diferenças culturais, harmonia...? Motive os alunos a exercitarem a imaginação e a buscarem, no próprio texto de Vivina de Assis Viana, elementos de paz, de otimismo e até de beleza que sobrevivem em meio à tragédia do terrorismo (a forma como alguns pontos turísticos são descritos, a história que se perpetua no tempo e no espaço, a afeição e o amor expressos nos bilhetes, nos desenhos das crianças).

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes, Gilmara Falk Ferreira Brunetto, Lorena Ostrovski, Luciana Princival Ivankio e Paola Marchioro Hanna